

[AMAZÔNIA



Carlo Zacchini/Diálogos



IANOMAMI REALIZA PINTURA RITUAL EM CLAUDIA ANDUJAR. PESQUISA EM SEU ACERVO DEU ORIGEM A EXPOSIÇÃO E LIVRO REFLETINDO SUA VISÃO SOBRE O BRASIL (E) E AS NAÇÕES INDÍGENAS (D)

PENSAR



Fotos: Claudia Andujar/Diálogos

P 6-7

CMYK

CLAUDIA ANDUJAR FALA SOBRE LIVRO E EXPOSIÇÃO QUE REVISITAM SUA OBRA EM PROL DOS IANOMAMI

MAHIMA MACIEL DA EQUIPE DO CORREIO

A fotógrafa Claudia Andujar, 73 anos, esperou duas décadas para vasculhar os arquivos com mais de 15 mil negativos que guarda no apartamento, em São Paulo. Começou a tarefa no ano passado e se descobriu que a coerência do olhar sempre esteve presente na maneira de fotografar. Iniciativa gerou uma exposição e o livro *A vulnerabilidade do ser*, uma espécie de compilação da trajetória de Claudia publicada pela Cosac & Naify. Estão no livro as célebres imagens dos índios ianomami, cuja luta pela demarcação de terras contou com o empenho da fotógrafa, mas também as imagens

com isso. Fiquei impressionada com o fato de que, do ponto de vista de fotografar, era tudo muito parecido com todo o resto que eu tinha feito anteriormente. A emoção em fotografar, eu reencontrei também nos arquivos antigos. Encontrei um monte de coisas dos anos 1960 que me impressionaram. Foi o que me incentivou a fazer uma seleção de todo esse material. Recrtei o arquivo e minha experiência de entender o Brasil. O livro e a exposição não são uma visão cronológica, mas uma tentativa de entender os aspectos culturais que me tocaram e me emocionaram por mais da metade da minha vida.

CORREIO — A senhora fala que, nesse arquivo, notou que já dirigia para o Brasil o mesmo olhar que depois dirigiu aos ianomami. Que olhar era esse?

ANDUJAR — Acho que é um olhar de procurar, me procurar e procurar um sentido na vida.

CORREIO — E de que maneira a senhora encontrou isso entre os ianomami?

ANDUJAR — Para entender a cultura ianomami da minha maneira — porque não sou antropóloga e não estudei populações indígenas na academia — só posso falar do que observei e do que sinto. O que me tocou é que é um povo de grande liberdade — porque tem culturas que são muito rígidas. Os ianomami são infelizes e livres. E tem toda uma visão cultural que é muito diferente da nossa. No xamanismo que praticam tem uma indefinição de onde começa o mundo dos homens e onde acaba o mundo dos animais. Para eles não acaba. Eles têm essa visão de que o que está vivo é

feitas durante o período em que Claudia descobria o Brasil e dava início à sua obra fotográfica.

De origem húngaro-romena, Claudia Andujar desembarcou no Brasil há 50 anos. Chegou a São Paulo em 1955, aos 24 anos, depois de fugir dos nazistas e de uma passagem pelos Estados Unidos. Aqui deu início ao que chama de busca de sentido para a vida. Começou a fotografar nos anos 1950 e encontrou na imagem uma forma completa de comunicação. Depois de transitar por tantas línguas — o pai era húngaro e a mãe, francesa —, Claudia viu na fotografia uma linguagem na qual podia se expressar sem tropeços.

Em 1971, depois de trabalhar como free-lancer para publicações brasileiras e percorrer o país em busca de

uma única coisa. É o respeito pela natureza e nela colocar não só o que é vivo, mas os fenômenos da natureza. O sol, a lua, a terra, tudo isso tem seu próprio espírito, sua própria representação no mundo ianomami. Isso me marcou e é algo no qual acredito. Essa visão de totalidade, de como uma coisa está ligada a outra e uma não pode funcionar sem a outra e algo que me deu uma satisfação muito grande.

CORREIO — Em certo momento, a senhora foi impedida pelo governo brasileiro de continuar o trabalho com os ianomami. De que forma isso afetou seu trabalho?

ANDUJAR — Naquela época havia antropólogos trabalhando na área ianomami e na Amazônia, na fronteira com Colômbia, Venezuela e outros países. Durante o período militar houve uma fobia de que essas pessoas poderiam facilitar a ocupação da Amazônia aos estrangeiros. Eram muito visados. Eu não era antropóloga, mas eles não entendiam o que eu estava fazendo lá e, não entendendo, queria dizer que podia ser perigosa. Em consequência, fui retirada pela Funai. Para mim foi trágico. Eu estava querendo ficar lá ainda um bom tempo, porque estava penetrando na questão da cultura e desenvolvendo meu trabalho, tanto no sentido de repensar as coisas quanto

de fotografar. Tive que parar no meio. Foi embora e, inicialmente, nunca mais conseguí retornar.

CORREIO — E como a senhora retomou o trabalho?

ANDUJAR — Retomei entrando nesse grupo de gente que começou a lutar pelos direitos deles (a CCPY). Coordenei a campanha para a demarcação. Entendi que muitas das minhas divergências não cabiam dentro do movimento, então usei fotografias que tinham uma mensagem mais direta e deixei de lado o resto.

CORREIO — Que indagações não cabiam?

ANDUJAR — Eram mais pensamentos psicológicos, questões de xamanismo. Naquela época, xamanismo podia ser interpretado de maneira errada. Tinha muito essa concepção pensamento entre os inimigos dos ianomami, políticos e burocratas de Brasília. Se falasse em xamanismo, primeiro, não iam entender nada, e segundo, iam entender o contrário: que são índios muito primitivos, que andam nus, entram em transe, outra palavra que não cabe na visão pragmática. Então, a ideia de que eles poderiam servir de alucínógenos podia ser muito mal interpretada. Então tinha coisas sobre as quais, na época, era melhor ficar calado.



AVUINERABILIDADE

DO SER
Claudia Andujar
Cosac & Naify
340 páginas
Preço: R\$65,00

O arquivo constituído durante o período virou material de divulgação da causa ianomami quando Claudia decidiu participar da criação da Comissão Pro-Yanomami (CCPY). Fundada em 1978, a ONG foi peça essencial na demarcação das terras desse povo. Hoje, ela já não viaja mais às aldeias, embora procure manter o contato com os índios. Nos últimos anos, se dedicou a fazer releituras de seu próprio trabalho. Investiu em grandes instalações e passou a combinar imagens e sobrepô-las. Mas nunca abandonou a busca que a levou aos ianomami e a satisfação encontrada no modo de vida desses povos. Abaixo, Andujar fala sobre a experiência com os índios e a importância da fotografia na divulgação da diversidade cultural brasileira.

CORREIO — E que papel tiveram as suas fotografias nesse trabalho?

ANDUJAR — Foi importante porque a gente acabou também fazendo um filme baseado no meu trabalho visual. Esse filme circulou não só no Brasil, mas fora também. Tinha um material cuidadosamente escolhido para não ter repercussão desagradável, mas que foi importante. Era para sensibilizar. Divulgar a cultura é a melhor maneira de fazer conhecer essas pessoas, e vital para a sobrevivência delas. E tem alcance maior e de acesso mais fácil.

CORREIO — Como é sua relação com os ianomami hoje?

ANDUJAR — Hoje vou muito pouco lá. Minha última viagem foi em 2000, mas mantenho contato com eles e continuo utilizando meu material fotográfico. Continuo tentando de maneira mais completa, como nessa exposição e no livro, mostrar meu arquivo sem censuras, livremente. Existem coisas que mudaram no Brasil, outras não. Do ponto de vista político, hoje não há muita receptividade para a questão indígena, isso não mudou. Mas na população brasileira houve uma mudança, uma conscientização e respeito maior a essas culturas. Este ano eles estão formando uma organização deles. O objetivo é permitir aos ianomami entender como funciona nosso mundo. Sem dúvida vão se formar alguns representantes que terão possibilidade de falar diretamente com aqueles que fazem a política brasileira. Vão ter uma representação entre os outros povos indígenas do mundo, além de

poder dialogar e ter uma maneira de sensibilizar e entender seus próprios direitos dentro do governo brasileiro. Até hoje tem áreas dentro das terras ianomami onde o contato é pequeno. Isso, de certa maneira, foi ótimo mas hoje é um perigo, porque o interesse nas terras deles é muito grande e eles estão perdidos e se não entenderem isso.

CORREIO — Então hoje é perigoso que eles continuem isolados?

ANDUJAR — É uma questão delicada. De certa maneira, seria ótimo os brancos não terem chegado. Mas já aconteceu e vai continuar acontecendo. Então eles têm que saber como lidar com isso. Como contornar. Não estou dizendo que vão ter a força de impedir fisicamente, mas podem ser bem sucedidos se estiverem no mesmo nível de entendimento para compreender como nossa política e economia funcionam.

CORREIO — A senhora diz que se expressava por meio da fotografia porque a imagem lhe parecia um modo melhor de se comunicar com o mundo. Isso continua?

ANDUJAR — Acho que sim. Tenho mais facilidade de me expressar por imagem, apesar de gostar de escrever.

CORREIO — A senhora continua fotografando? O quê? Trabalho numa busca de entender melhor o que eu fiz. Tem uma parte no livro que se chama *Sonhos*, que é a última parte visual. É meu último trabalho, de 2003.

CORREIO BRAZILIENSE — Como você chegou aos ianomami?

CLAUDIA ANDUJAR — Conheci os ianomami por curiosidade, mas também para encontrar algo que desse novo sentido à vida, não só à minha, mas à vida em geral. Me apaixonei por eles e isso teve muitos desdobramentos. Eu os conheci vivendo lá, fotografando, observando e tentando entender sua cultura. Foi quebra-cabeça em fotografia o resultado da minha vivência, da minha busca. Em 1974, comecei a construção da Perimetral Norte, a rodovia que penetrou o território da tribo. Eu vivenciei isso. Vi como ficaram desamparados, vulneráveis a essa mudança com a presença dos operários. Isso mudou minha perspectiva. A partir disso, junto com poucas pessoas que já conheciam os ianomami, formamos um grupo que virou uma ONG para defender os direitos deles. A CCPY reivindicava as terras dos ianomami para eles poderem sobreviver e aprender como viver auto-suficientes como eram no passado. Esse trabalho foi de 1978 a 2000. Nesse período eu fotografava dirigida para a causa que assumi. E por causa disso coloquei de lado todo o meu trabalho anterior.

CORREIO — O que mais chamou sua atenção ao voltar aos arquivos com os 30 anos de trajetória?

ANDUJAR — Em 2000, por razões de saúde, parei minha atividade dentro da CCPY e achei que era o momento de repensar o sentido da minha vida e rever todo meu trabalho do passado. Então, peguei meu arquivo fotográfico, que eu não tinha visto desde os anos 1970, e dei uma vasculhada. Não estava muito claro para mim o que ia fazer



P 6-7

CMYK

